

## DYONELIO MACHADO E JUAN CARLOS ONETTI: APROXIMAÇÕES NA COMARCA DO PAMPA

Karina de Castilhos Lucena\*

### Comunicação apresentada no III Colóquio do PPG-Letras/UFRGS.

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é aproximar Dyonelio Machado (1895 – 1985) e Juan Carlos Onetti (1909 – 1994) tendo como hipótese que há características históricas, literárias e biográficas que permitem a leitura em paralelo de seus textos. Essa aproximação propõe que a literatura dos autores seja analisada em uma perspectiva mais ampla que a nacional, embora sem prescindir desta. A proximidade geográfica entre Rio Grande do Sul e Uruguai, a formação histórica semelhante, a condição periférica dessas regiões em relação a uma metrópole vizinha (São Paulo e Rio de Janeiro para o Rio Grande do Sul; Argentina para o Uruguai) sugerem que esses autores participam de uma comarca (para utilizar o conceito de Ángel Rama) que é “geradora” de uma matéria própria permitindo a analogia entre as literaturas de Dyonelio e Onetti.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dyonélio Machado – Juan Carlos Onetti – Aproximação – Comarca do Pampa.

**RESUMEN:** El objetivo de este trabajo es acercar Dyonelio Machado (1895 - 1985) y Juan Carlos Onetti (1909 – 1994), partiendo desde la hipótesis de que hay rasgos históricos, literarios y biográficos que permiten proyectar paralelos a la lectura de sus textos. En este enfoque, se sugiere que se analice la literatura de los autores en una perspectiva más amplia que a nivel nacional, pero que no se ignore esto. La proximidad geográfica de Río Grande do Sul y Uruguay, la formación histórica similar, la condición periférica de estas regiones en relación a una ciudad vecina (São Paulo y Río de Janeiro para el Río Grande do Sul, Argentina para Uruguay) sugieren que estos autores forman parte de una "comarca" (para utilizar el concepto de Ángel Rama) que es "generadora" de una cuestión propia, dejándose así la analogía transparecerse entre la literatura de Dyonelio y Onetti.

**PALABRAS-CLAVES:** Dyonélio Machado – Juan Carlos Onetti – Acercamiento – Comarca del Pampa.

### COMARCA DO PAMPA

Na tradição crítica brasileira é muito difícil dissociar a literatura da ideia de nação. Todo o esforço das histórias literárias publicadas ao longo do tempo foi dar unidade a um sistema muito heterogêneo, cuja diversidade regional talvez seja mais

---

\* Doutoranda em Letras – Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).  
Kclucena@gmail.com.

marcante que a integração nacional. Esse esforço de uniformização explica-se, em parte, pela maioria dos compêndios de literatura ser oriundos do centro do país que adota um viés modernista/nacionalista para organizar a ficção produzida aqui.

Na periferia, a maneira de ver as coisas é diferente. No caso do Rio Grande do Sul, por exemplo, a fronteira com os países do Prata tem grande influência na literatura que às vezes se aproxima mais da ficção argentina ou uruguaia que daquela das demais regiões brasileiras.

Há um conceito cunhado pelo crítico uruguaio Ángel Rama (1926 – 1983) que esclarece e muito essa questão: a comarca do pampa, territórios que compreendem diferentes regiões, que podem ser partes de países ou mesmo países inteiros, com semelhança de meio físico, produção econômica, sistema social, comportamentos, valores, hábitos, produtos, etc (RAMA, 2001, p. 285).

Uma dessas comarcas englobaria justamente o Rio Grande do Sul, o Uruguai e parte da Argentina: “o estado do Rio Grande do Sul, brasileiro, mostra vínculos maiores com o Uruguai, ou a região argentina dos pampas, do que com o Mato Grosso ou o Nordeste de seu próprio país” (RAMA, 2001, p. 282).

Flávio Aguiar e Sandra Guardini Vasconcelos organizaram o livro Ángel Rama: Literatura e Cultura na América Latina (2001), no qual reúnem textos esparsos do crítico. Na apresentação desse livro, os autores afirmam:

[...] para o crítico [Rama], a divisão das literaturas latino-americanas segundo cada nação é puramente artificial, seguindo normas geopolíticas importadas ou divisões territoriais pautadas pelo interesse das elites conservadoras. Negando essa divisão, Rama cria o conceito de comarca, área onde há homogeneidade de elementos naturais, étnicos e culturais que convergem em formas similares de criação artística. São exemplos de comarca o Caribe, a área pampeana, que engloba trechos da Argentina, do Uruguai e do Brasil, e a área que corresponde ao antigo Tihuantisuya dos Incas, ultrapassando as fronteiras do Peru e da Bolívia (2001, p. 13).

Na crítica literária hispanista é comum a compreensão da literatura a partir de um viés mais regional que nacionalista. Como têm uma língua comum, não há porque brigarem pela divisão do continente em uma série de “pequenas” literaturas nacionais que não são autônomas entre si. É isso que defende Enrique Anderson Imbert no prólogo de sua *Historia de la Literatura Hispano-americana*, de 1954, quando explica o método adotado na organização do livro: “agrupar a los escritores por países hubiera roto la unidad cultural de Hispanoamérica en diecinueve ilusorias literaturas nacionales” (1954, p. 9).

Parece bobagem, mas a extensão territorial dos países de fala espanhola na América Latina contribui para a adoção desse critério regional. O tamanho do Brasil e nossa língua diferente naturalmente nos separam dos vizinhos hispanohablantes e em certo ponto fundamentam nossa compreensão nacionalista da literatura. Mas como eu vinha dizendo, na periferia as coisas funcionam de outro jeito. Aqui no Rio Grande do Sul, é difícil de “encaixar” nossos escritores nas tradicionais linhagens da história literária brasileira.

Talvez o caso de Simões Lopes Neto seja o mais eloquente, já que é praticamente desconhecido no restante do país e, quando lembrado, figura na tendenciosa geração Pré-Modernista ao lado de Euclides da Cunha, Monteiro Lobato e Lima Barreto, sendo que estabelecería diálogo mais pertinente com o gaúcho Martín Fierro ou com o Facundo de Sarmiento.

Para Dyonelio Machado, então, um dos temas centrais deste texto, a regra também vale. Na literatura brasileira ele aparece (e quando aparece) no chamado romance de 30, ao lado de Graciliano Ramos e José Lins do Rego que tratam do meio rural nordestino, enquanto Dyonelio se concentra na narrativa urbana. Se colocado ao lado do uruguaio Juan Carlos Onetti, o outro foco deste estudo, ou do argentino Roberto Arlt, Dyonelio ganha interlocução mais eficaz não só nas temáticas urbanas, mas também na forma narrativa muito caracterizada pelo ponto de vista dostoievskiano.

Os críticos literários gaúchos, percebendo a dificuldade de inserção de nossos autores na tradição nacional, elaboraram formas alternativas de entendimento dessa literatura. Para citar um caso, em 1942, numa conferência a convite da Casa do Estudante do Brasil, Vianna Moog apresentou Uma interpretação da literatura brasileira: um arquipélago cultural. Esse subtítulo é revelador: Moog interpreta a literatura brasileira não como uma unidade que obedece a certo processo cronológico. Para ele o Brasil é um arquipélago, no qual as diferenças geográficas, de meio, de forma de produção, de clima, de cultura condicionam a produção literária (MOOG, 1983, p. 19).

As ilhas de Moog são muito próximas das comarcas de Rama. E não é só no campo literário que o RS conversa com os países do Prata. O historiador gaúcho Fábio Kühn inicia o capítulo Fronteira em movimento de seu livro Breve História do Rio Grande do Sul (2002) assim:

Repensar a história do Brasil e a história do Rio Grande do Sul significa principalmente romper com certos mitos e desconstruir certas representações do passado que não têm mais muita utilidade analítica para a historiografia contemporânea. A concepção de fronteira utilizada pela historiografia tradicional é uma dessas formas de representação idealizada, que supervaloriza as rivalidades e a exclusão entre povoadores hispânicos e lusitanos. Isso sem falar na exaltação das virtudes quase heróicas de um grupo de colonizadores/conquistadores que garantiu a posse do território rio-grandense para a causa portuguesa e também para o Brasil (2007, p. 23).

Para Kühn, a fronteira que divide Brasil, Argentina e Uruguai é viva, em movimento, e a relação entre os três países foi muito mais de convivência e articulação do que de confronto. Segundo ele, somente no século XIX, com a formação dos Estados nacionais, é que esse convívio cedeu espaço a conflitos e disputas (2007, p. 27). No capítulo O Rio Grande e o Prata – Século XIX do mesmo livro, Kühn reitera seu ponto de vista afirmando que “atualmente, os estudiosos tendem a entender a história regional inserida em um contexto mais amplo, com evidentes elementos que indicam uma forte vinculação platina” (2007, p. 75).

A fronteira como um espaço de interação é fundamental para entender o conceito de comarca. Flávio Loureiro Chaves diferencia as noções de fronteira e limite. Ele

explica que fronteira é o que está à frente, logo, passível de comunicação e estabelecimento de identidades. Já o limite é um traço de separação através de linhas, não estabelecendo, por isso, relações identitárias (2006, p. 61).

Sendo assim, para aproximar Dyonélio Machado e Juan Carlos Onetti é preciso aceitar que o Rio Grande do Sul forma, juntamente com partes do Uruguai e da Argentina, a comarca do pampa, onde a fronteira não separa, pelo contrário, possibilita o diálogo histórico e literário.

### FORMAÇÃO HISTÓRICA COMPARTILHADA

Ao considerarmos a fronteira entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai (sem falar na Argentina, que não é objeto deste estudo) não como um limite, mas como uma possibilidade de articulação, automaticamente entendemos que a formação histórica dessas duas províncias coincide em diversos fatores. O simples fato de serem fronteiriços, de estarem geograficamente próximos, faz com que compartilhem características de vegetação, de clima, de cultivo que influenciam os comportamentos humanos.

Há pelo menos quatro tratados assinados entre Portugal e Espanha que ditaram as regras sobre a posse das terras do atual Rio Grande do Sul: Tordesilhas (1494), Madri (1750), Paris (1763) e Santo Ildefonso (1777).

No Tratado de Tordesilhas, as terras do Novo Mundo foram divididas entre Portugal e Espanha por uma linha imaginária que cruzava a atual cidade de Laguna, no estado de Santa Catarina. Por esse acordo, o RS tal como o conhecemos faria parte dos domínios espanhóis. Segundo Kühn “todos os territórios ao sul de Laguna seriam espanhóis, inclusive o atual Rio Grande do Sul. Não tivessem os portugueses desrespeitado esse tratado, hoje em dia talvez estivéssemos a falar castelhano...” (2007, p. 28).

Com a fundação da Colônia do Sacramento (1680), domínio português localizado estrategicamente em frente à espanhola Buenos Aires, e seu posterior sucesso econômico, os portugueses ganharam força para desrespeitar o tratado e aplicar o princípio do *uti possidetis*, ou seja, “quem usa tem a posse” (KÜHN, 2007, p. 30).

A Colônia do Sacramento foi elemento chave nas negociações entre Portugal e Espanha durante os tratados firmados nos anos formativos do atual território do Rio Grande do Sul. Como já vimos, no Tratado de Tordesilhas, sua posse era dos portugueses; no Tratado de Madri, de 1750, Portugal abriu mão da Colônia e ficou com os Sete Povos das Missões. Além disso, o princípio do *uti possidetis*, até então informal, foi reconhecido, assim o RS passou para as mãos dos portugueses.

Com o Tratado de Madri, os portugueses saíram ganhando, já que ficaram com um vasto território importantíssimo para a colonização. No entanto, nesse território habitavam os índios missioneiros que não aceitaram muito bem a ideia de serem “trocados” por gado. Desse episódio surgiu uma das figuras mais lendárias da história do RS: Sepé Tiaraju, líder dos indígenas na Guerra Guaranítica, conflito que

impossibilitou a execução do Tratado de Madri (anulado em 1761 pelo Tratado de El Pardo).

O Tratado de Paris (1763) devolveu a Colônia aos portugueses, porém a resistência espanhola gerava perdas econômicas que dificultavam a manutenção dessa posse. Surge então o Tratado de Santo Ildefonso (1777) para devolver a Colônia do Sacramento aos espanhóis e definir que o Continente do Rio Grande seria, definitivamente, português. E aqui estamos.

### FORMAÇÃO LITERÁRIA COMPARTILHADA

Se a participação na comarca aproxima culturalmente o RS dos países do Prata, e a formação histórica compartilhada dá condições para a leitura em paralelo das realidades dessas regiões, tudo indica que a literatura segue o mesmo caminho. A formação da literatura gaúcha coincide em muitos fatores com a formação da literatura uruguaia.

Na crítica literária brasileira é impossível falar no conceito de “formação” sem mencionar Antonio Candido. E sua presença é tão marcante que outros teóricos aplicaram os conceitos de Candido a objetos distintos dos seus. É relevante para este trabalho o fato de um crítico gaúcho, Luis Augusto Fischer, e um crítico uruguaio, Ángel Rama, terem pensado os sistemas literários de seu estado/país a partir dos ensinamentos de Antonio Candido. Além de aproximar a formação literária do RS e do Uruguai, o método adotado por ambos permite interpretar um papel semelhante para Dyonelio e Onetti no sistema literário de suas regiões.

Ángel Rama foi um prestigiado crítico uruguaio, de forte atuação política de esquerda, comprometido com o projeto de integração latinoamericana que nos anos 1970 arrebatou intelectuais e artistas dos diferentes países americanos (Candido, inclusive). Conheceu Candido no início dos sessenta quando este apresentava sua teoria sobre a literatura brasileira em Montevideu. Encontrou no sistema literário a síntese possível para pôr de pé sua História da Literatura Latinoamericana, que nunca chegaria a completar, pois um acidente de avião o surpreendeu em plena execução do projeto. No entanto, os ensinamentos quanto a escritor – obra – público estiveram no horizonte de Rama enquanto escrevia seus textos esparsos sobre a literatura uruguaia e latinoamericana.

A tese de Pablo Rocca - Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: dos caras de un proyecto latinoamericano - defendida na USP em 2006, traz um precioso anexo documental com a correspondência trocada por Candido e Rama de 1960 a 1983. Ao todo são 77 cartas que demonstram as afinidades intelectuais entre os dois críticos, a troca de livros, periódicos, a indicação de nomes para participar em congressos, como demonstram as cartas 9 (de 5 de setembro de 1971) e 10 (de 15 de novembro de 1971). Rama escreve a Candido:

El mes pasado (agosto de 1971) tuvimos una pequeña reunión de trabajo en Santiago de Chile un conjunto de críticos literarios y profesores [...] para

estudiar la posibilidad de un encuentro continental en el año próximo, que reuniera a críticos, investigadores y profesores literários, dentro de la tesitura “literatura y sociedad” para examinar diversos problemas de nuestra disciplina bajo el rubro “La literatura en la transformación social de América Latina”. Como pasa siempre en esos casos, el Brasil es el enorme desconocido. Yo propuse que Ud. tomara parte de nuestro futuro encuentro, lo que fue aceptado de inmediato. Pero pensamos que también deberían estar representadas del Brasil otras líneas críticas, en particular las correspondientes a las distintas inflexiones del pensamiento marxista en la crítica literaria. Sé que hay varios estudiosos serios, pero le estoy pidiendo a Ud. que me prepare una lista explicativa con tres o cuatro nombres que Ud. estime los de más interés y preparación dentro de los lineamientos de una investigación social de la literatura (ROCCA, 2006, p. 336).

A resposta de Candido:

Voltando ao encontro, pessoalmente estou disposto a ir, em princípio. Nas condições em que vivemos atualmente, é difícil ter um mínimo de certeza nos projetos... Quanto aos nomes cuja indicação pede, encontro certa dificuldade. No Brasil não há muita gente que tenha feito trabalho satisfatório neste campo, sobretudo dentro da orientação que lhe interessa e que me sugere como critério de escolha. Nos mais velhos, um mecanismo elementar e paralelístico, uma débil estética do “reflexo”, e mesmo assim sem qualquer sistematização conveniente. Os mais moços são melhores, mas muitos não podem ser localizados no momento. Lembro como lista inicial de conversa [...]: Ferreira Gullar, crítico e poeta, bastante agudo e inteligente, que me consta estar viajando no Exterior; Carlos Nelson Coutinho, lukácsiano médio mecânico, mas sério e esforçado, que parece ainda viver no Rio de Janeiro; Roberto Schwarz, sem dúvida o melhor, que mora em Paris desde 1969, autor de um belo livro de ensaios, bastante versado em Lukács, Adorno e sobretudo Benjamin [...] (ROCCA, 2006, p. 338-339).

Ambos dão um singular depoimento de época: o que se fazia na crítica literária brasileira, ainda muito influenciada pelo estruturalismo, e o que se pretendia na crítica latinoamericana. O depoimento de Candido ainda dá mostras das dificuldades que enfrentava a inteligência brasileira de esquerda em plena ditadura militar. O alinhamento de nomes como os de Candido e Rama nesse projeto integrador de orientação marxista resultaria no famoso livro *América Latina en su literatura* (1972) organizado por César Fernández Moreno, no qual Candido publicou seu *Literatura e Subdesenvolvimento*. Na correspondência entre os dois, fica evidente a admiração de Rama pelos conceitos de Candido e a colaboração deste para a elaboração crítica do uruguaio.

Luís Augusto Fischer (1958) publica seu *Literatura Gaúcha* em 2004, ou seja, com um distanciamento temporal que o distingue de Rama. Embora também fale a partir da esquerda e com os conceitos formativos de Candido na cabeça, Fischer não propõe um projeto ideológico como é a integração latinoamericana para Rama; busca entender a *Literatura Gaúcha* como um sistema, fazendo paralelos com a *Literatura Brasileira* e do Rio da Prata.

Como aplicação da teoria candidiana, o texto de Fischer é mais bem realizado que o de Rama, e isso a diferença de geração explica; em 2004 a Formação já está consolidada como a grande matriz da crítica literária da esquerda brasileira. Resumindo grosseiramente o argumento de Fischer: o sistema literário gaúcho inicia por volta de 1860 com o Partenon Literário, primeiro momento em que há autor – obra – público, e está maduro com Erico Verissimo, que lê os antecessores (Simões Lopes Neto) configurando uma tradição. Dyonelio entra na conta de Fischer como contemporâneo de Erico e isso explica sua pouca recepção: a prosa vagarosa e cerrada de Dyonelio contrasta com a comunicabilidade dos textos de Erico que são logo bem aceitos pelo público (e não tanto pela crítica). O inverso acontece com Dyonelio que tem aceitação de crítica e não de público.

Essa aceitação da obra de Erico pelo leitor comum pode ser explicada pelo caráter popular de suas personagens, principalmente as dos romances rurais que, na cultura tradicional gauchesca, ganharam contornos de heróis populares. O capitão Rodrigo Cambará é até hoje tido como modelo de bravura, muito cultuado pelos frequentadores de CTGs que ainda representam parte importante da sociedade gaúcha. No caso de Dyonelio, dificilmente aqueles desgraçados protagonistas de *Os ratos*, *O louco do Cati*, *Desolação...* poderiam tornar-se mitos para o povo gaúcho, até porque são tipicamente urbanos, lutando contra o capital, a perseguição política, a loucura.

No entanto, é importante ressaltar que essa aceitação dos romances de Erico só acontece após *O tempo e o vento*; os romances urbanos ocupam posição secundária em sua bibliografia, tanto que nos anos 1930 o grande escritor rio-grandense é Dyonelio Machado.

No lado uruguaio, Rama fez a aplicação do conceito de sistema literário que a época permitiu. Em 1960 publica no semanário *Marcha* (um ícone da crítica uruguaia, do qual Onetti participou) o texto *A construção de uma literatura*, chegando à conclusão de que o Uruguai não possuía ainda um sistema literário como acontecia no Brasil, Argentina, México e Chile, pois carecia de uma tradição nacional e de um público leitor. Rama resume o problema ironicamente: “o culpado é o público que não lê (opinião habitual do escritor convencido de seu talento e razoável status literário); a culpa é dos escritores que não oferecem obras de qualidade (opinião mais freqüente na crítica e nos novos lançamentos)” (apud ROCCA, 2008, p. 53). Há que se levar em conta, no entanto, a constante releitura que Rama empreendia de seus escritos. Começou tentando estabelecer esse sistema literário uruguaio, que tratou de descartar em seguida, passando a um sistema latinoamericano homogêneo que, por sua vez, cedeu espaço às comarcas (territórios que compreendem diferentes regiões, que podiam ser partes de países ou mesmo países inteiros, com características culturais semelhantes). Sendo o Uruguai um país pequeno, é compreensível esse abandono de Rama à ideia de sistema literário nacional, já que a formação estava muito atrelada nos anos 1960 a países grandes, e por isso a adoção do sistema literário latinoamericano. Fischer demonstrou que é possível pensar a formação estadual/provincial, pois, segundo ele, “a literatura do Rio Grande do Sul [...] se inventou quase como uma literatura nacional, no sentido em que as literaturas nacionais foram forjadas na América” (2004, p. 42).

O fato de Candido ter pensado a formação da literatura brasileira a partir do centro Rio/São Paulo dá margem para a pergunta: e se a formação fosse escrita a partir de uma periferia, como é o RS em sua relação com o Brasil? Contrastando os ensinamentos de Candido com as manifestações literárias gaúchas, Fischer chegou a um novo sistema literário, que não chega a ser totalmente autônomo do nacional, mas que pode flertar com os países fronteiriços do Rio da Prata, e isso já configura a especificidade do sistema gaúcho. Além do mais, “o Rio Grande do Sul foi uma das províncias que mais reagiu à centralização” nacional (FISCHER, 2004, p. 12), de início por motivos econômicos, mas esse dado é relevante na formação histórica do estado e, consequentemente, na sua formação literária.

Visto de hoje, e levando em conta a possibilidade de se pensar a formação literária de lugares pequenos proposta por Fischer, o sistema literário uruguaio poderia ser estruturado em paralelo ao sistema gaúcho. Se colocássemos Mario Benedetti na ponta do processo (como sendo o escritor comunicativo, que atinge o leitor médio e é bem aceito pela crítica, que tem obra constantemente republicada – mais ou menos a função que Erico desempenha no RS, feita a ressalva de Benedetti tratar de tema prioritariamente urbano e Erico circular pelo romance histórico) teríamos o sistema maduro, com tradição formada, Benedetti lendo a geração anterior (a de Onetti). E se Erico “apaga” Dyonelio por sua prosa menos exigente, pode-se dizer que algo semelhante ocorre na relação Benedetti/Onetti. Embora Onetti seja de geração anterior, será lido na mesma época de Benedetti, quando o mercado editorial uruguaio começa a estruturar-se.

Aproximando a formação literária do RS à do Uruguai podemos descobrir vínculos que fundamentam a leitura em paralelo dos romances e contos de Dyonelio Machado e Juan Carlos Onetti, cumprindo o ensinamento candidiano de sempre analisar o texto em seu contexto.

## BIOGRAFIAS COMPARTILHADAS

Também as vidas de Dyonélio e Onetti podem ser postas lado a lado. No entanto, antes de apresentar essas coincidências, é preciso destacar que as informações que temos sobre suas biografias vêm filtradas pela ironia nas respostas a jornalistas. Há um sem número de dados desconstruídos sobre eles, justamente porque prezavam esse tom de mistério sobre suas vidas e o irresistível prazer do deboche diante de entrevistadores nem sempre bem preparados.

Dyonélio Machado nasceu no dia 21 de agosto de 1895 em Quaraí (RS), na fronteira com o Uruguai. Sobre sua cidade ele afirma: “Quaraí é um lugarejo de três mil habitantes. Era aquela solidão numa savana, uma casa a léguas de distância da outra, naquele campo” (1995, p. 7). Dyonélio é natural, portanto, de um espaço típico representante da comarca do pampa, com aqueles descampados, aquela solidão, paisagem muito peculiar ao Uruguai de Onetti.



O isolamento de Quaraí, contudo, não impediu que servisse de cenário para a Revolução Federalista de 1893, dada sua posição estratégica na fronteira entre o Brasil e os países do Prata. Ali estava situada a prisão famosa pela prática das degolas tão comuns a essa revolta e que inspirou Dyonélio em *O Louco do Cati*.

Sylvio Rodrigues Machado, pai do escritor, era despachante aduaneiro e foi assassinado quando Dyonélio tinha apenas sete anos. O sustento da família (Dyonélio tinha um irmão mais velho) ficou a cargo da mãe, a costureira Elvira Tubino Machado. As memórias do romancista dão mostras da dificuldade pela qual passou a família, além de reiterar o papel central de Quaraí nas mediações com o Uruguai:

Sou de um ramo pobre da família e fiquei mais empobrecido por ter perdido o pai quando tinha sete anos. Minha mãe não tinha trinta anos e ficou com os dois filhos. Com oito anos comecei a vender bilhetes na rua, enquanto ela costurava para fora. Meu pai foi despachante aduaneiro. Minha cidade, Quaraí, é de fronteira, com um movimento grande de importação e exportação. Toda a produção de lá tinha vazão pro Uruguai, pois para transportar charque pro Nordeste, passava-se dentro do Uruguai, o que dava margem a mil e uma safadezas (1995, p. 8).

Embora saibamos que a interpretação da obra de um escritor a partir de sua vida, se feita de maneira rasa, constitua um equívoco muito comum nos estudos literários, é possível afirmar que a origem humilde de Dyonélio tem relação com as temáticas desenvolvidas, por exemplo, em *Os Ratos*, livro que descreve a peregrinação de um pai de família atrás do dinheiro para pagar o leite do filho. Do mesmo modo que a formação do escritor como psiquiatra influencia, em certa medida, a narrativa de *O Louco do Cati*.

Na adolescência, Dyonélio muda-se para Porto Alegre onde conclui a educação básica e, mais tarde, o curso de Medicina. Entre 1930 e 1932 estuda psiquiatria no Rio de Janeiro e depois, já de volta à capital gaúcha, emprega-se no Hospital Psiquiátrico São Pedro.

O envolvimento político de Dyonélio foi intenso, principalmente nos anos de juventude. Iniciou no Partido Republicano ainda na década de 1920, sendo preso de 1935 a 1937, por suas defesas marxistas. Durante a prisão no Rio de Janeiro filiou-se ao Partido Comunista pelo qual se elegeu deputado estadual constituinte em 1947. Na prisão ficou sabendo que seu livro *Os Ratos* de 1935 havia ganhado o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras. Entretanto, essa premiação não dá visibilidade à obra de Dyonélio que permanece à sombra até 1944, quando Moysés Vellinho escreve a primeira crítica sobre o livro.

A baixa recepção dos textos de Dyonélio é uma constante em sua trajetória literária, traço que vai ser comum também a Onetti, muito em função do espaço secundário que ocupam no sistema literário de seus países. A obra do escritor gaúcho só completa a tríade candidiana autor – obra – público no final da década de 1970, quando passa a integrar os manuais de História da Literatura no Rio Grande do Sul e no Brasil.

Outro aspecto relevante da biografia de Dyonélio é sua colaboração jornalística. Ainda na infância em Quaraí fundou juntamente com amigos o jornal *O Martelo* que

tornava público seus primeiros poemas. Em seguida, já em Porto Alegre, integrou as equipes de A Informação (1921-1922) e Farrapo (1922), órgãos relacionados ao Partido Republicano, nos quais o autor expressava mais suas ideias políticas que literárias. Ao longo de sua vida contribuiu ainda com Kodak, A Máscara, Horizonte, Diário de Notícias e Correio do Povo.

Tanto para Dyonélio quanto para Onetti a escrita jornalística parece migrar para a narrativa literária, já que empregam uma linguagem mais seca e direta que às vezes destoa daquela de seus companheiros de geração. No caso específico de Onetti, que acumula as escritas jornalística e literária no início e no final da carreira, percebe-se nitidamente uma variedade formal e temática em relação ao miolo de sua obra (a saga de Santa Maria) período em que interrompeu sua contribuição para jornais.

Dyonélio Machado tinha uma saúde frágil, tanto que o livro O Louco do Cati (1942) foi ditado a sua esposa. Alguns críticos reconhecem as consequências dessa condição na narrativa fragmentada e até certo ponto repetitiva. O escritor faleceu em 19 de junho de 1985 na cidade de Porto Alegre.

Catorze anos depois de Dyonélio, em 1º de junho de 1909, nasceu Juan Carlos Onetti, em Montevidéu; filho do também funcionário aduaneiro Carlos Onetti e da descendente de uma família aristocrática do RS Honoria Borges. Por uma dessas coincidências inexplicáveis, a mãe de Onetti nasceu em Quaraí. Gosto de pensar que as estirpes se relacionaram, dada a profissão idêntica dos patriarcas das famílias Machado e Onetti e a proximidade geográfica entre RS e Uruguai.

A situação financeira da família não era boa e Onetti teve que trabalhar cedo. Foi garçom, porteiro e vendedor de entradas do Estádio Centenário em Montevidéu. Assim como Dyonélio, desde muito jovem iniciou sua atuação no meio jornalístico. Envia seus primeiros contos e poemas à revista El Mundo Uruguaio, mas estes são recusados, e aí começa uma longa trajetória de negativas e recusas à sua produção literária. A alcunha de “padrinho oculto da literatura hispano-americana” decorre desse lugar à margem delegado a Onetti que teve sua obra “apagada” pelos escritores mais comunicativos de seu país (Benedetti) e do continente (Vargas Llosa, García Márquez...).

Em 1928 funda com seus amigos uruguaios a revista La Tijera de Colón, mas sua maior contribuição jornalística foi para o semanário Marcha, a mais prestigiada revista uruguaia dos anos 1940. Graças a essa publicação, os uruguaios tiveram acesso ao que havia de melhor na literatura ocidental: Joyce, Faulkner, Céline. A capacidade leitora e de tradução de Onetti contrastam com sua formação escolar, até hoje uma incógnita para seus biógrafos. É lendária a ironia onettiana nas entrevistas, e a versão defendida pelo escritor é que abandonou os estudos ainda na educação básica por descobrir que aprendia mais com a leitura solitária.

É difícil entender como alguém com uma formação tão rudimentar pôde ler textos originais no francês e no inglês, sendo que também não havia tradição letrada na família. Segundo Eduardo Becerra, Onetti abandonou os estudos no ano de 1922, quando tinha treze anos, mas nessa época já era um apaixonado leitor e já tinha seus primeiros contos e poemas (2010).

Na crítica onettiana é comum a visão de que o escritor se abstinha de posições políticas e dedicava-se exclusivamente à criação de um mundo imaginário regido por leis distanciadas daquelas da realidade social. Sua participação em *Marcha* dá mostras do contrário, já que a revista tinha uma clara orientação de esquerda com a qual dificilmente Onetti não concordasse. Becerra (2010) afirma que em 1929 o romancista tenta viajar à União Soviética para conhecer em primeira mão a experiência socialista desse país. De acordo com esse mesmo autor, em 1936, Onetti planeja alistar-se como voluntário do exército republicano na Guerra Civil espanhola. Embora não leve adiante essas ideias e elas sejam episódios isolados na biografia do escritor, ao menos contestam a visão generalizada de que Onetti sempre foi apolítico, às vezes até alienado da realidade que o circundava. Onetti certamente não foi um escritor panfletário e militante, mas isso não exclui sua postura crítica em relação aos problemas que afetavam o Uruguai e os países de tradição hispânica. Tanto que foi preso pela ditadura uruguaia em 1974, fato responsável por seu exílio em Madri, onde permaneceu até sua morte, em 30 de maio de 1994.

A literatura de Onetti muda quando ele muda de país. Suas estadias em Montevideu e Buenos Aires (onde vive de 1941 a 1955) dão subsídios para a criação de um território imaginário característico de sua prosa: Santa María. Durante o exílio na Espanha, o escritor não voltaria mais a ambientar sua ficção nessa cidade; ele cria outros espaços (Monte, Lavanda, Santamaría...) nos quais a alegoria à realidade latino-americana parece ser mais visível que a empreendida na saga de Santa María.

Para facilitar a visualização das coincidências biografias entre Dyonélio e Onetti apresento a seguinte tabela:

Dado biográfico	Dyonélio Machado	Juan Carlos Onetti
Contemporâneos	1895 – 1985	1909 – 1994
Proximidade da cidade natal	Quaraí (fronteira do RS com Uruguai)	Montevideu
Trabalhar cedo	Vender bilhetes	Vender bilhetes, porteiro, garçom
Profissão do pai	Despachante aduaneiro	Despachante aduaneiro
Deslocamentos	Quaraí – Porto Alegre – Rio de Janeiro	Montevideu – Buenos Aires – Madri
Atuação política	Partidária: deputado estadual	Jornalística: editor de <i>Marcha</i>
Perseguições políticas	Prisão (1935 – 1937)	Prisão (1974), exílio em Madri
Contribuição jornalística	Principalmente <i>Correio do Povo</i>	Principalmente <i>Marcha</i>

Pouca recepção	Sistema autor/obra/público somente no final dos anos 1970	Sistema autor/obra/público somente no final dos anos 1960 (após o boom da literatura latino-americana)
----------------	---	--

**SEMELHANÇAS LITERÁRIAS**

A ficção de Dyonélio e Onetti também apresenta alguns paralelismos. Dyonelio e Onetti têm obra vasta, circulando pelo conto, romance e ensaio. Independentemente do gênero, seus textos apresentam uma regularidade formal e temática: narrativa urbana, personagens que se repetem em livros diferentes e que geralmente vêm das camadas mais baixas da sociedade, ambientação em uma cidade específica (a real Porto Alegre para Dyonelio, a imaginária Santa María para Onetti), além de, mais uma coincidência, serem editados no Brasil pela Planeta.

Se analisadas comparativamente, as técnicas narrativas empregadas por Dyonelio e Onetti demonstram que a participação na comarca e as leituras da tradição ocidental empreendidas por eles aproximam-nos ainda mais. A seguir serão apresentadas resumidamente algumas coincidências (e divergências, já que a aproximação das narrativas não exclui a individualidade do escritor) de forma narrativa que justificam o paralelo entre os escritores.

**NARRADOR**

Há uma diferença fundamental entre as personagens de Onetti e as de Dyonelio. As de Onetti, embora vivam em condições financeiras precárias, entendem a realidade que as rodeia, frequentam livrarias, cinemas, teatros. Um exemplo forte é Brausen, narrador de *La vida breve*, que trabalha em uma agência de publicidade para sobreviver e vive com sua esposa doente em um apartamento precário. Ao mesmo tempo, Brausen está escrevendo um roteiro para o cinema, no qual cria a história de Díaz Grey em Santa María, marcas registradas da narrativa onettiana. Tudo isso enquanto escuta os movimentos de sua vizinha e cria um corpo e atitudes para essa mulher que sequer vê.

Assim, o narrador onettiano divide-se em três enredos que jogam com os conceitos de realidade e ficção. No primeiro, Brausen executando um trabalho que odeia, tendo que conviver com o câncer de Gertrudis, o asco que lhe causa a perda do seio da esposa: “Gertrudis y el trabajo inmundito y el miedo de perderlo [...] las cuentas por pagar y la seguridad inolvidable de que no hay en ninguna parte una mujer, un amigo, una casa, un libro, ni siquiera un vicio, que puedan hacerme feliz” (2007, p. 72).

O segundo enredo, a escrita do roteiro, não contribui para modificar a melancólica realidade de Brausen, já que o texto é uma encomenda de seu chefe que só vem para ressaltar suas incapacidades: “Un argumento, vamos, había dicho Julio Stein; algo que se pueda usar, que interesse a los idiotas y a los inteligentes, pero no a los demasiado inteligentes. Debés saberlo mejor que yo, como buen porteño” (2007, p. 29).

A terceira história de Brausen dá novo fôlego a sua trajetória e demonstra o poder ficcional da personagem:

Yo la oía a través de la pared. Imaginé su boca en movimiento frente al hálito de hielo y fermentación de la heladera o la cortina de varillas tostadas que debía estar rígida entre la tarde y el dormitorio, ensombreciendo el desorden de los muebles recién llegados. Escuché, distraído, las frases intermitentes de la mujer, sin creer en lo que decía (2007, p. 13).

O narrador de *La vida breve* é tipicamente onettiano, funcionando às vezes como alterego do escritor que também tem que lidar com sua vida concreta, seus problemas cotidianos, com os bloqueios criativos inerentes à profissão e com o bônus de tudo isso: fantasiar significados para ações que passam despercebidas para a maioria das pessoas. A história contada sob o ponto de vista do narrador-personagem permite essa relação entre escritor e narrador, também pelo fato desse narrador ser participante da cultura letrada.

O narrador de Dyonelio é geralmente onisciente de terceira pessoa, responsável por desvendar a psicologia das personagens, como em *Os ratos*:

Um gelo toma o seu corpo. Gelo que é tristeza e desânimo. Voltam-lhe as cenas da manhã, o arrabalde, a casa, a mulher. Tem medo de desfalecer nos seus propósitos. Acha-se sozinho. Aquela multidão que entra e sai pela enorme porta do café lhe é mais do que desconhecida: parece-lhe inimiga (2004, p. 27).

Pode ser que a tradição brasileira do narrador de terceira, principalmente no romance de 1930, tenha pesado sobre Dyonelio, o que não impede a sua aproximação com Onetti por características históricas, geográficas, temáticas...

Se as personagens de Onetti, embora oriundas das classes baixas, conseguem entender o funcionamento do sistema econômico instituído, as personagens de Dyonelio são esmagadas pelo sistema capitalista, arrastam-se para garantir a sobrevivência e muitas vezes perdem o senso de realidade: Naziazeno Barbosa beira a deficiência mental, isso sem falar no louco do Cati. Este trecho de *Os Ratos* demonstra a incapacidade de Naziazeno jogar com as regras do capital:

A palavra e a figura do diretor esmagaram-no, “esmagaram-no”, é o termo. Não poderá “discutir” com a mulher, exigir respeito, depois do que lhe sucedeu; seria iníquo. Idealizar outro plano? Tem uma preguiça doentia. A sua cabeça está oca e lhe arde, ao mesmo tempo (2004, p. 53).

Isso pode ser entendido sob o ângulo da distinta formação cultural brasileira (rio-grandense) e uruguaia. No Uruguai, mesmo as camadas baixas da população têm acesso à cultura letrada, pois a educação pública é eficiente. No Brasil, as atividades relacionadas à cultura são geralmente prestigiadas pela classe média que tem como pagar pelos bens culturais negados pelos órgãos públicos. É claro que o Uruguai é um país pequeno com dois terços da população vivendo na capital Montevidéu e o Brasil, um gigantesco território em que tudo que não está em São Paulo ou Rio de Janeiro é considerado periferia.

**PERSONAGENS REPETIDAS**

Os protagonistas de Dyonelio e Onetti são arruinados financeiramente, passam grande parte das narrativas vagando pela periferia das cidades, bares, prostíbulos. Quando têm emprego, realizam atividades burocráticas para dar conta das necessidades básicas e convivem com o fracasso de não terem conseguido ser o que realmente queriam: escritores, roteiristas (principalmente para as personagens de Onetti). Desprezam, ou desconhecem, a cultura hegemônica das regiões onde vivem, como fica claro na declaração de Eladio Linacero em *El pozo* (1939):

¿qué se puede hacer en este país? Nada, ni dejarse engañar. Si uno fuera una bestia rubia, acaso comprendiera a Hitler. Hay posibilidades para una fe en Alemania; existe un antiguo pasado y un futuro, cualquiera que sea. Si uno fuera un voluntarioso imbécil se dejaría ganar sin esfuerzos por la nueva mística germana. ¿Pero aquí? Detrás de nosotros no hay nada. Un gaucho, dos gauchos, treinta y tres gauchos (2007, p. 39).

Citações como essa não são comuns na crítica onettiana, que ainda se preocupa muito com os temas clássicos explorados pelo autor: morte, melancolia, autocitação, eterno retorno. A afirmação de Eladio Linacero dá mostras da preocupação de Onetti com a história de seu país, com a sociedade, demonstrando que não é somente aquele escritor metafísico que os críticos insistem em reafirmar.

As personagens que se repetem em diferentes narrativas são um traço fundamental da poética onettiana, já muito explorado pela crítica. No entanto, uma análise mais aprofundada das diferenças que essas personagens apresentam ao serem transplantadas de uma narrativa para outra precisa ser feita. O Díaz Grey personagem do roteiro que Brausen está escrevendo em *La vida breve* certamente não é o mesmo que aparece em *El astillero*. Para Mario Benedetti, Díaz Grey é um “comodín de Onetti que a veces es él mismo, otras veces es sólo Díaz Grey, y otras más es alguien tan impersonal que resulta nadie” (1993, p. 18).

Isso acontece também com as outras personagens: Larsen, Angélica Inés, Petrus... Uma lógica semelhante de análise poderia ser adotada para as personagens de Dyonelio. O Manivela e Norberto de *O Louco do Catí* não são os mesmos de *Desolação*, já que nesse último romance há uma maior ênfase a documentos subversivos

e prisões a eles relacionadas. Os amigos que partiram para a praia junto a Norberto e o “louco” em O Louco do Cati, em Desolação estão separados deles tentando livrar-se de perseguições políticas.

### NARRATIVA E TEMÁTICA URBANA

Tanto em Onetti quanto em Dyonelio a cidade é um construto hostil que aprisiona o indivíduo que a habita. A cidade representa um mundo acabado no qual a única saída é adaptar-se. Daí a incapacidade humana de transformação, daí essas personagens que não vivem, apenas arrastam-se por becos e ruas, bares e prostíbulos buscando escapar da realidade castradora.

Uma breve análise do romance El astillero de Onetti dá mostras da importância da cidade em sua narrativa. El astillero foi publicado em 1961 e é o segundo romance da chamada saga de Santa María, que se completa com La vida breve (1950) e Juntacadáveres (1964). Nesse romance, as referências espaciais são inúmeras. Todos os capítulos levam o título de um lugar (Santa María, El astillero, La glorieta, La casilla). Esses quatro espaços se repetem e nomeiam diferentes capítulos; cada vez que o título aparece é numerado em sequência crescente. Assim, o primeiro capítulo chama-se Santa María I, o décimo, Santa María II, o décimo primeiro, Santa María III. A organização dos capítulos demonstra a importância do espaço na narrativa e também indica outras possibilidades de leitura. Os capítulos intitulados Santa María, El astillero... lidos em sequência estabelecem um novo romance (e isso antes de Rayuela de Cortázar). Em 1972, Ítalo Calvino publicaria As cidades invisíveis, no qual adota o mesmo esquema capitular de Onetti.

Santa María está presente no agir de todas as personagens do romance; é tão cinzenta quanto as almas de seus moradores que, cansados de serem excluídos, se entregam à bebida e à promiscuidade. Santa María é a cidade imaginária que Onetti criou para que seus personagens pudessem sentir-se suficientemente isolados do mundo, não só interna, mas geograficamente. Nas palavras de Imbert “[...] Santa María es el escenario donde criaturas insignificantes o innobles se desgastan y degradan.” (1995, p. 260).

Santa María está em todas as personagens, todas são tão melancólicas quanto a cidade. Talvez essas personagens não pudessem existir em outro lugar, não fossem as mesmas em outro lugar. Mario Benedetti caracteriza Santa María como traço fundamental da poética onettiana:

Onetti tal vez haya intuido (o razonado, no importa) que había dos caminos para convertir su cosmovisión en inobjetable literatura. El primero: la creación de un trozo de geografía imaginaria, que, aunque copioso en asideros reales, pudiera surtir de nombres, episodios y personajes a todo su orbe novelístico, con el fin de que el tronco común y el intercambio de referencias (como sucedáneos de una más directa substancia narrativa) sirvieran para estimular el mortecino núcleo original de sus historias. (1993, p. 13).

Para Benedetti, Santa María condiciona toda a criação narrativa de Onetti. Após criar a cidade, o romancista encontrou o núcleo original de suas histórias. A declaração de Onetti revela a ligação da cidade imaginária com suas memórias:

Eu vivi muitos anos em Buenos Aires, e de alguma maneira a experiência de Buenos Aires está presente em minha obra; mas muito mais que Buenos Aires, está presente Montevideu, a melancolia de Montevideu. Por isso fabriquei Santa María: fruto da nostalgia da minha cidade. Fora dos meus livros Santa María não existe. Se existisse, com certeza eu faria lá a mesma coisa que faço hoje. Naturalmente inventaria uma cidade chamada Montevideu” (apud NEPOMUCENO, 1989, p. 8).

Para Dyonelio, a cidade também é fundamental. Em *Os Ratos*, as peripécias de Naziazeno Barbosa em busca do dinheiro para pagar o leiteiro desenham um mapa de Porto Alegre muito ligado ao estado de espírito da personagem, como bem demonstrou Cláudio Cruz em sua dissertação de mestrado, publicada em livro com o título *Literatura e cidade moderna: Porto Alegre 1935*.

A cidade e seus habitantes assustam Naziazeno, como demonstra o trecho: “Acha-se sozinho. Aquela multidão que entra e sai pela enorme porta do café lhe é mais do que desconhecida: parece-lhe inimiga” (2004, p. 27). E esse estranhamento persiste durante todo o enredo; adiante o narrador afirma: “A cidade não tem árvores. A rua é um bloco inteiriço de granito escaldante” (2004, p. 66).

É interessante notar que a narrativa urbana liga ainda mais Dyonélio e Onetti se os contrastamos aos demais autores participantes da comarca que tratam de tema rural. Aproximar esses dois escritores abre uma nova possibilidade intertextual e funda uma linhagem inédita na comarca do pampa: a narrativa das cidades. Afinal, o RS e o Uruguai não são compostos somente de gaúchos ruralistas, há também o homem urbano, com conflitos muito semelhantes àqueles dos habitantes das metrópoles ocidentais.

No que diz respeito à temática, ambos os autores tratam de morte, encarceramento, opressão política e do capital seja em contos, poemas, romances ou reflexões teóricas. Há uma tendência da crítica literária em enfatizar certos temas de Dyonélio e Onetti, como o pessimismo, a solidão de personagens específicas esquecendo-se que estas fazem parte de uma engrenagem maior que também é retratada na narrativa.

### TRILOGIA

Por haver coincidência de personagens e espaços, os livros de Onetti podem ser lidos como capítulos de uma obra maior que convencionou-se chamar de Saga de Santa María. Correntemente *La vida breve*, *El astillero* e *Juntacadáveres* são lidos como uma trilogia, isso sem falar em livros mais desconhecidos como *Para una tumba sin nombre* ou *Dejemos hablar al viento*.



Da mesma forma, Maria Zenilda Grawunder propõe que O louco do Cati, Desolação, Passos Perdidos e Nuanças sejam lidos como uma Tetralogia da Perseguição e Opressão e Antonio Hohlfeldt lê Deuses econômicos, Sol subterrâneo e Prodígios como a Trilogia da Libertação. Mais uma traço comum entre os autores aqui estudados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, este trabalho pleiteia a leitura em paralelo das narrativas de Dyonelio Machado e Juan Carlos Onetti baseada em características biográficas, históricas e literárias que sustentam essa relação. É provável que a maior contribuição deste estudo seja a retomada daquele debate dos anos 1970, a integração latinoamericana. É claro que atualmente não cabe mais uma leitura homogênea da literatura do continente, muito arraigada às ideologias da esquerda da época. Mas o estudo baseado em regiões literárias, comarcas, pode esclarecer temas que as histórias da literatura calcadas na nacionalidade não conseguiram resolver.

Referências:

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (Orgs.) *Ángel Rama: Literatura e cultura na América Latina*. Tradução de Rachel La Corte dos Santos e Elza Gasparotto. São Paulo: Edusp, 2001.

BECERRA GRANDE, Eduardo. *Monográfico sobre Juan Carlos Onetti*: Instituto Cervantes, 2010. Disponível em: <<http://cvc.cervantes.es/literatura/escritores/onetti/default.htm>>. Acesso em: 14 maio 2011.

BENEDETTI, Mario. Introducción. In: ONETTI, Juan Carlos. *El astillero*. Buenos Aires: Espasa Calpe Argentina S. A., 1993.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750 – 1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Ponta de estoque*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

CRUZ, Claudio. *Literatura e cidade moderna: Porto Alegre 1935*. Porto Alegre: EDIPUCRS; IEL, 1994.

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura gaúcha*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

GRAWUNDER, Maria Zenilda. *Curso e discurso da obra de Dyonelio Machado*. Dissertação de Mestrado em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1989.

\_\_\_\_\_. *Alegoria na literatura brasileira: a tetralogia ‘opressão e liberdade’ de Dyonelio Machado*. Tese de Doutorado em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1994.

HOHLFELDT, Antônio. *Dyonelio Machado*. Porto Alegre: IEL, 1987.

IMBERT, Enrique Anderson. *Historia de la literatura hispanoamericana* II: Época contemporánea. México: Fondo de cultura económica, 1995.

\_\_\_\_\_. *Historia de la literatura hispanoamericana*. México: Fondo de cultura económica, 1954.

KÜHN, Fábio. *Breve história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2007.

MACHADO, Dyonelio. *Desolação*. São Paulo: Planeta, 2005.

\_\_\_\_\_. *O cheiro de coisa viva: Entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito: O estadista*. Introdução, seleção e notas de Maria Zenilda Grawunder. Rio de Janeiro: Graphia, 1995.

\_\_\_\_\_. *O louco do Cati*. São Paulo: Círculo do livro, 1980.

\_\_\_\_\_. *Os ratos*. São Paulo: Planeta, 2004.

MOOG, Vianna. *Uma interpretação da literatura brasileira: um arquipélago cultural*. Rio de Janeiro: Antares, Brasília: INL, 1983.

ONETTI, Juan Carlos. *El astillero*. Buenos Aires: Espasa Calpe Argentina S. A., 1993.

\_\_\_\_\_. *El pozo; Los adioses*. Buenos Aires: Punto de Lectura, 2007.

\_\_\_\_\_. *Junta-cadáveres*. São Paulo: Planeta, 2005.

\_\_\_\_\_. *La vida breve*. Buenos Aires: Punto de Lectura, 2007.

\_\_\_\_\_. *Tão triste como ela e outros contos*. Tradução de Eric Nepomuceno. São Paulo/Rio de Janeiro: Record/Altaya, 1989.

RAMA, Ángel. Regiões, Culturas e Literaturas. In: AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (Orgs.) *Ángel Rama: Literatura e cultura na América Latina*. Tradução de Rachel La Corte dos Santos e Elza Gasparotto. São Paulo: Edusp, 2001.

ROCCA, Pablo. *Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: dos caras de un proyecto latinoamericano*. Tese de Doutorado em Letras. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.